

# RELATO DE EXPERIÊNCIA

## QUEER OLHAR SOBRE A VIDA CRISTÃ

Ana Claudia Figueroa<sup>(\*)</sup>

### Entre os kanamari

Esta noite sonhei em como Kanamari nos acolhe quando chegamos na aldeia, aos kariwá<sup>1</sup>. Tem sempre uma casa que é designada para nos hospedar e alimentar. Agora percebo que esta casa era escolhida em função das características das famílias que provavelmente teriam mais aproximação ao seu estilo de ser ou era aquela que, dentre todas nas aldeias, mais gostavam da cultura do kariwá. Numa aldeia específica prepararam uma casa somente para nós. Ali tínhamos maior liberdade individual, no entanto, não tínhamos proteção para garantir alimentação e cuidado diante da floresta e suas demandas.

Por mim, fui mais feliz quando podia ficar junto na casa de alguém. Numa aldeia em especial construímos a casa em que eu iria morar, acabando usada por muitos, pois nunca me instalei numa única aldeia, por decisão metodológica do nosso trabalho. E porque nunca amadureci para além da imaturidade infantil<sup>2</sup>, o que me impedia de cuidar de mim mesma na floresta e nas atribuições domésticas que envolviam as demandas da aldeia.

É importante aqui dizer que a expressão família não é a mais adequada para a unidade social nuclear da constituição da organização social de uma aldeia kanamari. Como vários povos indígenas no Brasil, a aldeia kanamari tem na realidade uma organização clânica bidimensional. São, na maioria das vezes, dois grupos clânicos que constituem as tarefas cotidianas que estabelecem as regras de reciprocidade e dádiva.

Assim, aquilo que chamamos casa não é bem a casa kanamari. Muito antigamente o povo kanamari morava na maloca única com os dois grupos clânicos dividindo os espaços internos na grande maloca. Como já tem mais de cem anos que não é assim eles

---

<sup>(\*)</sup>Teóloga e Contabilista, CRC RS-084081/O-5. Graduada Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (1990), mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1993), doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008), Pós-Doutorado (em curso), em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [wahno.figueroa@gmail.com](mailto:wahno.figueroa@gmail.com).  
Texto recebido em: 30 mar. 2016. Texto aprovado em: 18 Ago. 2016.

<sup>1</sup> Expressão utilizada pelo povo kanamari para designar a população não indígena.

<sup>2</sup> No convívio nas aldeias as crianças com idade entre 5 a 10 anos eram designadas para cuidarem de mim, que estava no mesmo nível delas no que diz respeito aos requisitos mínimos para sobreviver na floresta.

recriaram a organização espacial da aldeia para parecer com as localidades ribeirinhas derivadas dos processos migratórios dos nordestinos no período de crescimento da exploração da borracha.



Figura 1 Aldeia Kanamari

Nas figuras 1 e 2 podemos comparar como a aldeia kanamari (fig 1) é parecida com uma localidade de ribeirinhos do entorno (fig 2). Mas é uma aparência cheia de falácias pois para além da aparência, os kanamari ainda preservam rituais e práticas de subsistência na floresta muito diferente dos hábitos e costumes dos ribeirinhos. E, sem dúvida, a organização tribal baseada em organização social em clãs não corresponde ao núcleo heteronormativo que constitui as famílias ribeirinhas.



Figura 2 Localidade Ribeirinha

O quero explicitar aqui é que, apesar das palafitas que constituem as casas numa aldeia kanamari, as unidades familiares entre os kanamari é constituída de pluralidades de parentesco. Kanamari tem constituição matrilinear na composição dos clãs. Existem sempre duas matriarcas numa aldeia, sendo uma delas a mais idosa e mais referenciada na hora dos procedimentos deliberativos. Os locais de dormida, de cozimento dos alimentos e de organização dos casais e dos locais onde se pendura a rede são de alta mobilidade ao longo dos tempos das estações do ano.

Assim, não é prudente usar a expressão família para descrever as trocas simbólicas e práticas de hospedagem entre os kanamari. Mas me referencio assim por mim, que, depois de viver entre os kanamari, nomeio família a toda e qualquer forma dadivosa de um grupo de pessoas cuidarem de si mesmos reciprocamente.

Esta experiência entre os kanamari, que já comemora seus “há 10 anos atrás”, me deu certa compreensão da vivência em família. Repensei o sentido de hospedagem, por exemplo, e compreendi melhor alguns textos bíblicos que tratam do acolhimento ao estrangeiro, ao indigente, ao despossuído de família. Na realidade boa parte da memória bíblica mais ancestral do povo da bíblia no antigo testamento diz respeito a um grupo de pessoas peregrinos sobre as terras de outrem, buscando paragens e hospedagens. O que são as narrativas do êxodo e do período pré-monárquico da história do povo da bíblia que não seja permeado pelas regras de peregrinação? A bíblia, ao garantir boa hospedagem ao estrangeiro e trato justo no acolhimento ao peregrino, na realidade está preservando o sentimento do próprio povo despossuído de terra e dignidade nos tratos recebidos pelos grupos já constituídos em cidades-estados da época mais antiga da faixa da Palestina.

Da mesma forma é possível compreender a construção dos sentidos da proscrição, quando alguém é declarado socialmente não pertencente àquele grupo especificamente. Estes tensionamentos de identidade social estão relacionados à constituição dos grupos menores que nomeiam as possibilidades e as negações da constituição do grupo social genérico. Utilizarei como parâmetro a história de Ló na cidade de Sodoma (Gn 19), que acolhe dois estrangeiros em sua casa e é agredido por isto. Existe uma proscrição de pertença ao Ló e qualquer outro estrangeiro na cidade. A expulsão com violência e desrespeito é algo pertencente às ações de declaração de não pertencimento, geralmente violentas e fraticidas. Não é uma mera agressão ao estrangeiro no sentido copatriotismo. É a morte do parentesco que difere nos costumes e na organização social.

## **Entre os Kariwá**

Eu moro hoje entre os kariwá, que me acolhem com relativo estranhamento, pois, acho, não visto, nem penteio os cabelos, nem falo, de forma correspondente às expectativas de minha condição de mulher. Também tem o problema de uma certa agressividade e dificuldade de constituir círculo social intenso. Mas me acolhem bem, pois consigo trabalhar, pagar as contas e morar em casa própria, o que representa uma

conquista considerando que entre os kanamari não evoluí para condições mínimas que permitissem vida social equivalente aos de maturidade social.

Entre os kariwá experimento vida em família. Quanto mais em família vivo entre os kariwá, mais me pergunto sobre a vida em família entre os kanamari. Acho que busco neles alguma inspiração. Mas a família que constituímos entre os kariwá é um tanto Queer. Além de sermos eu e uma companheira, mulher, temos o nosso guri, que sendo filho da minha companheira com seu primeiro casamento, agora me adotou na maternagem e paternagem, a depender do dia, hora e oportunidade. Para os kariwá do entorno a normatividade impede de nos acolher com mesma intensidade do que é possível às outras famílias heteronormativas. Nos hospedam bem dentro destes limites postos. Assim consigo entender, também entre os kariwá, os textos bíblicos que falam do acolhimento ao estrangeiro, ao indulgente, ao despossuído de família e, por sua vez, também compreendo melhor a construção dos sentidos da proscrição.

Se você pretende assumir e permanecer Queer é necessário entender os territórios de destinação que as possibilidades de hospedagem nesta sociedade que é oferecido para este grupo. Primeiramente nos é destinado a invisibilidade. Em segundo e não menos relevante nos é destinado a infelicidade. Em terceiro nos é destinado o inominável. Também, e certamente não última possibilidade, nos é destinada as oportunidades seletivas.

Me explico.

Invisibilidade é aquele lugar que está atrás dos pensamentos recorrentes entre amigos e defensores da possibilidade de que cada um faz o que quer com sua vida pessoal. Acontece que você pode fazer, mas ninguém tem nada com isto, nem deve ver isto, nem deve conviver com isto, nem deve entender como isto o constitui também como coletivo social ao qual pertence.

Desta condição invisível pertence a dificuldade de suportar tanta felicidade que não está na abertura de uma coca-cola. Quando você assume sua vida Queer você se resolve e fica feliz, mesmo no meio das dificuldades da vida. E, já sabemos pelos estudos da psicanálise, felicidade e prazer são poderosíssimos em alterar o destino do sujeito. Movidos por prazer e paixão, os Queer se importam pouco com os incômodos alheios e são facilmente condenados por ferir a moralidade dos bons costumes e da boa organização familiar. Nossa felicidade chega perto mesmo da doença declarada. Ainda estamos num tempo em que é necessário defender a saúde mental e a segurança social dos Queer...

defendo que em parte é porque somos demasiadamente explícitos em nossa felicidade de seguir nossas escolhas.

Por isto é inominável a condição Queer. Não conseguimos que a discussão de gênero das teorias feministas, ou as discussões de pluralidade nas identidades sexuais resumida na expressão transgênero das lutas LGBT, cheguem aos lugares formais de normatização da vida social. No Brasil é tabu falar de criminalização da homofobia. Mal sabem no Congresso e na sociedade que homo-fobia é uma expressão a ser superada para homo, lesbo e trans-fobia... Por que é tão difícil dar estatuto de teoria formal e questão social relevante a cidadania Queer? Destinar esta fatia da população a sua condição de inominável é estratégico para negar-lhe direitos e possibilidade de pertença.

Vou dar um exemplo de situações inomináveis: estávamos passeando no shopping em família (eu, minha companheira e o guri); uma promotora de vendas de uma loja de fotografias e similares tenta nos seduzir oferecendo totalmente de graça uma foto da linda família (nomeando mamãe, filhinho e vovó). Foi assim que a vendedora se resolveu com esta família que vinha tão feliz caminhando pelos corredores heteronormativos. Não cabe outra possibilidade naquele lugar precioso de louvor ao consumo e à felicidade a um passo de uns reais.

E, por fim, quero nomear as oportunidades seletivas. Numa sociedade democrática pega mal dizer que mulher não pode ser engenheira, ou gari, ou pedreira, ou qualquer destas profissões que constituem a masculinidade das coisas. Mais interessante seria pensar nas possibilidades de ocupar os espaços destinados à criação e consolidação da moralidade com pessoas Queer. Não é fácil assumir a docência nas escolas, ou as direções de empresas, ou os sacerdócios nas religiões de livros, etc. Imaginar uma pessoa Queer, daquelas bem Queer, escrachadamente Queer, tendo oportunidades sociais de emprego e renda nas condições dos heteronormativos comportados é algo difícil de imaginar. Sequer é temática pertencente às análises da sociedade nos resultados de pesquisas do IBGE ou FGV.

### **O que é mesmo “Queer”?**

Sou teóloga, logo a respiração do conhecimento que me constitui vem dos ventos dos espíritos que habitam o mundo e inspiram os seres humanos em suas trajetórias breves e corrosivamente solitárias no nascer e morrer neste planeta que nos acolhe.

Para compensar esta destinada solidão na entrada e na saída, nós seres humanos nos dispomos constituir um viver plenamente coletivo, social, público e privadamente plural. Por isso, por mais penoso que seja os insultos públicos das diferenças entre si, dos empoderamentos de alguns sobre outros, permanecemos submissos por vontade, com diria Kant, à destinação social do viver a vida nas condições dadas, nos limites impostos, fazendo esforços tremendos para mudar, querendo mudar sempre, e sempre nos submetendo.

Pois. Acho que inventaram a expressão Queer para dar materialidade em palavra à sensação dos humanizados quando se relacionam com os humanos. Que Darwin me perdoe, mas deve haver alguma falha na teoria da seleção das espécies que nos destinou a este entroncamento social “@s entrosad@s/@s destroçad@s”, sejam lá quem forem... Estas dualidades e bidimensionalidades na destinação que religiões, credos, teorias, poesias, sociedades, tábuas, leis, tradições e explicações que a história humana vem tecendo desde que “cogito ergo sum”. Os homosapiens que nos antecedem também nos destinam.

Mas, eis que Queer estamos.

Nós que aqui estamos e para isto viemos. Incontroláveis nos afetos, incorrigíveis na intensidade, totalmente demais. Com isto chegamos ao ponto de uma gloriosa saída do armário rumo ao estrelato das paradas tão exuberantes quanto nossos desfiles de carnaval.

Claro, no cotidiano ainda constamos nas preocupantes estatísticas de agressões e assassinatos certamente vinculados à homofobia, mas temerosamente classificados como tal. Ainda não sabemos como agir num país que afirma em sua constituição máxima que “constituem objetivos fundamentais da República (...) promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” e ao mesmo tempo se nega a legislar sobre isto, estabelecendo os parâmetros regimentais para punir os atos de homofobia.

Da teologia cristã quero propor a expressão salvação como bem adequada para entender a expressão Queer nas teorias modernas. A salvação na teologia é soterologia<sup>3</sup>, A salvação no materialismo é a revolução. A salvação na vida queer é improvável, é invisível, insuportável, dor incrível. Na realidade trata-se de pretensões salvíficas no discurso sobre a salvação. Como estão perdidas as possibilidades de entender os limites e possibilidades da vida, vamos inventando formas de nos apoiar nas fraquezas cotidianas

---

<sup>3</sup> Significando a compreensão de como acontece o ato ou efeito de saldar, remir ou preservar pessoas em suas práticas cotidianas.

e covardias inerentes. A busca da salvação é como na teologia nomeados o desejo de superação daquelas coisas que estão fazendo muito mal ao coletivo que está vivendo determinadas situações.

Eu, por exemplo, me constitui no desejo salvífico através do metodismo histórico e nos limites de uma teóloga metodista brasileira. O metodismo me deu olhar materialista-histórico sobre a realidade. Oportunizou que minhas vísceras se indignassem com as injustiças sociais dos turnos nossos de cada dia. E, visualizando as práticas recentes de convivência eclesial, me dei conta de como se tornou insuportável para alguns brasileiros perceber os Queers, visíveis em demasia na sociedade brasileira dos tempos 21. E foi assim que me olhei no espelho e eis que Queer também eu era e sou. Passado, presente e futuro se revelaram pra mim neste ato de lucidez e desvelamento de mim mesma.

Há uma pretensão, na presente proposição, de explicitar a relação entre a repressão cotidiana à comunidade Queer e sua convivência pública e as pretensões de Santidade e Salvação. Expressões discursadas na teologia da salvação e visíveis nas práticas cristãs popularizadas na reivindicação moral pela correta conduta, Santidade é vista como separação da impureza e Salvação é vista como lugar de privilégios, atrelando a experiência do amor salvífico ao condute da vigilância e da punição.

Por onde se verifica a elaboração teológica desde lugares conceituais reincidentes. Na história dos cristianismos, a experiência de vida cristã, em várias pretensões, deixou de ser soterios logia, o conhecer a salvação. Assumiu o lugar soter logia, conhecer o salvador, onde o sujeito salvador não necessariamente é Jesus, mas pode ser qualquer um pretensamente portador da verdade sobre a correta conduta.

Tem uma diferença grande entre querer conhecer a salvação e querer fazer conhecer o salvador. Na imposição do salvador vem a punição vigilante. Na experiência de salvação até as pedras falam, se necessário for. Assim, teologia da salvação talvez possa ser resgatada enquanto possibilidade de discursar sobre as salvações cotidianas que vamos descobrindo enquanto vivemos.

### **Missão cristã e sermos Queer**

Na minha opinião, para enfrentar os cenários descritos acima desde a teologia cristã que não se negará a enxergar o Queer de seus seguidores teremos que resignificar aquilo que é nomeado como missão cristã.

Quando perguntamos sobre os sentidos da palavra missão, nos deparamos com um leque de possibilidades. O convívio com a palavra missão é antigo na história da humanidade. A palavra é originária do latim, *missio*, que significa ato de enviar, a forma verbal no latim é *mittere*, que significa mandar, emitir, enviar. Esta origem nos remete à idéia de encargo, pressupõe poder dado por alguém a outra pessoa para fazer alguma coisa.

Chamamos aqui função missionária a compreensão de que pessoas atuam em determinados contextos e motivadas a realizar práticas diversas e direcionadas por algum objetivo definido. Para compreender o significado da missão no cristianismo somos levados aos tempos originários da era cristã. A função missionária não é originária no período contemporâneo aos primórdios do cristianismo. É originária na vida das populações do entorno do Mar Mediterrâneo nos primórdios da história da humanidade.

Na antiguidade, a mobilidade humana era uma característica da constituição das sociedades. As rotas de passagens humanas em territórios diversos dava-se por motivos de sobrevivência. Esta mobilidade constituía as primeiras rotas de comercialização que temos conhecimento na história humana. Estas rotas, na antiguidade, eram significadas, religiosamente, como destinação sagrada, trajeto abençoado que envolvia uma compreensão vinculada a uma declaração de fé.

Um dos exemplos mais antigos de missão, descrito em literatura acessível a nós e de tradição reconhecidamente antiga, é a história de migração de Abrão quando sai de sua terra natal na mesopotâmia e se muda para Canaã. Este relato encontra-se na Bíblia cristã, em diversos momentos nos relatos da torá judaica (cinco primeiros livros do Antigo Testamento). Os capítulos 12 ao 25 do livro de Genesis relatam a saga de Abrão e seu clã na luta e sobrevivência na região.

Toda a narrativa é iniciada com um chamamento, Gn 12.1 a 3: “Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!”. Temos aí os elementos fundamentais que vão influenciar a ideia de missão em toda história da humanidade: Uma designação, uma ação a ser feita, uma tarefa a ser cumprida, um objetivo a ser alcançado. Estes elementos estão presentes também em trajetórias antigas que constituíram histórias originárias de diversas nações.

Outro exemplo é a história de crescimento e consolidação do império Persa sob governo de Ciro, chamado o Grande. Sua estratégia de dominação era empoderar seus dominados. Poupava vidas, empregava a intelectualidade dos vencidos, criou o primeiro

sistema de moedas que se tem conhecimento na antiguidade, que sustentou um lastro de garantias econômicas e políticas para consolidar o império. Ciro designava funções com determinações claras similares às missões diplomáticas que conhecemos hoje em dia. O livro de Esdras na Bíblia é um relato desta época que ajuda a entender a estratégia de dominação amplamente aceita pelos dominados. Esdras foi designado para representar o imperador na gestão dos interesses econômicos na região da Palestina, justamente de onde era originários ele mesmo e seu povo. Também autorizou e orientou a reconstrução do templo de Jerusalém numa aberta estratégia de constituição de aliança com as pessoas que habitavam a região.

Após o período persa a população vivia um intenso e cada vez mais qualificado processo de mercantilização das relações entre os povos da região hoje conhecida como oriente médio e toda a área habitada no entorno do mar mediterrâneo. Isto se deve em grande parte às estratégias de dominação persa qualificadas no processo de constituição do império macedônico empreendido por Alexandre, chamado o grande.

Este contexto histórico foi permeado por diferentes grupos de pessoas que constituíam identidade religiosa e social pautada em discursos futuristas de superação da dominação consolidada. Entre os judeus várias histórias se consolidaram nesta época, pretensamente passadas em tempos antigos, mas que abordavam o desejo de autonomia e independência do povo subentendendo supremacia das pessoas guiadas por uma motivação maior do que a realidade vivida. Estas histórias intencionalmente não abordavam fatos históricos contemporâneos, mas os abordava por similaridade, constituindo parâmetros genéricos que eram utilizados para fortalecer a fé nos tempos de colonização grega e em seguida romana.

Nesta mesma época temos conhecimento de duas histórias que gostaria de destacar como precursoras daquilo que na tradição cristã constituiria os terrenos para a consolidação da função missionária como identidade da própria prática religiosa. A primeira história é a de Daniel, um rapaz levado em cativo e sob forte dominação militar que se constitui uma pessoa extraordinária e que possui intensa capacidade de superação de situações impossíveis. Esta habilidade e força o constitui como pessoa diferenciada capaz de fazer a vontade de Deus. A outra história é a da família dos Macabeus. Os trechos bíblicos que abordam a história de resistência dos judeus frente a forte incultura imposta na dominação grega, esta situação de quase martírio pela fé fez com que a família dos Macabeus se organizassem e encabeçassem uma grande frente de resistência à dominação e maus-tratos infligidos pelos dominadores.

Caracterizando uma condição social e econômica, a descrição de um personagem que realiza algo especial sob comando divino é sempre destacada na narrativa como uma situação especial pautada por uma necessidade a ser suprida por intermédio deste personagem. É importante destacar que esta situação não significa sazonalidade da ação. Ao contrário, nas principais narrativas bíblicas os personagens possuem, através desta situação especial uma destinação atemporal que os constituem para toda sua vida, inclusive justificando como e porque são personagens heroicos e históricos de grande destaque para a memória da fé.

Por que dizemos de necessidade especial? Porque o cumprimento da missão destes personagens é a resolução de uma situação específica geralmente vista como de necessidade e que demanda uma intervenção eficaz e duradoura para a realidade determinada sob a qual a ação do personagem é esperada.

O que faz da necessidade algo especial é a característica aparente de que ninguém com normalidade social aparente conseguiria resolver ou eliminar. Sendo que o personagem que desponta para sanar a necessidade específica tem características incomuns e consegue realizar feitos especiais na resolução do problema posto. Os exemplos já citados de Abrão e Esdras, personagens comuns que são destinados ações não diferentes de outras de seus parentes ou demais pessoas de seus convívios sociais. O que fez de suas ações algo especial que sanou necessidades foi o aspecto de fidelidade a princípios que constituíram uma nova possibilidade para todos os demais. No caso de Abrão a ocupação de novas terras e novas possibilidades de vida social. No caso de Esdras a retomada de um símbolo religioso fundante e agregador de uma identidade religiosa de um grupo social.

Veja como são comuns estas necessidades. Em nada fantásticas, mas em tudo especiais. E é da narrativa sobre os fatos acontecidos que é atribuído especialidade e feito tremendo a estes dois personagens bíblicos. Assim sendo, o elemento de fé e crença na constituição de tarefa missionária é que fez da ação deles uma intervenção numa necessidade especial.

### **Eleição, destinação, ação**

Outra característica fundamental para compreender a função missionária que preparou terreno para consolidação da missão no cristianismo é a ideia de eleição constituída nas narrativas bíblicas. Em geral a apresentação do personagem o integra em

sua realidade social imediata para logo em seguida destacar como o personagem é pessoa comum e cheia de falhas como qualquer outra. Mas é na própria apresentação da pessoa comum que aparece o elemento eletivo. Dentre o mero criador de ovelhas vem o escolhido, dentre o mais comum dos sacerdotes nasce o eleito, dentre a mais pobre das crianças nascidas nasce o salvador. Esta cadência é muito importante para compreender o fenômeno de consolidação da ideia de missão como um dos baluartes da identidade cristã.

No entanto não somente eleição marca o personagem que deverá participar da missão. Uma vez eleito, deverá se submeter aos condicionantes do preparo. Permitam-se dedicar este aspecto da identidade do eleito exemplificando com a história de Moisés, muito conhecida na catequese cristã em geral. Vejamos: salvo ainda criança de colo por um ato de desespero da mãe e da generosidade acolhedora de uma egípcia. Fugido de sua identidade adotada por culpa de um assassinato, Moisés já era eleito desde o nascimento. Mas somente se constitui preparado para sua missão quando passa pelos infortúnios de viver em situações similares a da maioria de seu próprio povo de origem. Ao se redescobrir como oriundo das estepes e da cultura dos andarilhos pastores de rebanho de pequeno porte, Moisés consegue enxergar a situação de necessidade em que vivem as pessoas sob jugo do domínio egípcio e se destina à difícil tarefa de propiciar liberdade aos cativos no Egito.

A preparação de Moisés seguramente durou um tempo enorme, visto que precisou reaprender a viver sua própria vida. Esta narrativa é uma das metáforas importantes que consolidou mais tarde o conceito de missão na identidade cristã como um devir ser que se inicia no próprio aprender a ser. Destinação de pessoa no mundo e simultaneamente eleito no mundo.

Também na preparação está o elemento de descoberta de sua eleição. Moisés não se descobre eleito e aí vai preparar-se para a missão. Apesar de sua eleição ser anterior a tudo que conhece, Moisés somente encontra-se com a eleição no momento em que sabe quem é e como vive ele próprio, seus parentes e todo povo que se alia em tarefas e crenças que consolidam o dia-a-dia. Assim, é necessária revelação para que o eleito saiba tanto que é o eleito quanto ao que está destinado.

Continuando no relato da história de Moisés, sabemos que em determinado momento, em determinada circunstância e numa experiência extremamente pessoal, ele se apropria de sua tarefa como enviado por Deus. No ambiente das narrativas bíblicas o que envia é sempre Deus. Mesmo que o envio seja mediado por pessoas, como no caso

de Esdras que comanda a reconstrução do templo a mando do imperador persa, a origem do envio é Deus. No caso do envio de Esdras a narrativa faz questão de nomear como Deus agiu sobre a intenção persa.

Mas algo que é intransferível é o caráter pessoal do envio e da destinação para missão. Não que a ação específica não possa ser realizada por uma terceira pessoa, mas certamente a pessoa eleita somente torna-se de fato eleita quando, numa experiência pessoal, se determina para realizar a ação destinada. Poderíamos até dizer que a missão somente se constitui como tal quando o ciclo necessidade especial, eleição e preparação e destinação para ação se fecha em relação de interdependência narrativa.

Observe que ainda não estamos falando da execução da ação em si. Somente margeando a consolidação do personagem que será o executor da missão. Uma outra dimensão da destinação para ação é a própria caracterização da ação em sua relação direta com a necessidade posta.

Muitas vezes há incompreensão por parte dos executores de uma missão sobre a estratégia em si de realização de ações que superem a necessidade especial. No entanto não estamos falando de uma ausência de planejamento. Ao contrário, na maioria das narrativas as ações estão pensadas, mas ao executá-las os resultados não necessariamente são os esperados. Dificilmente poderia Moises saber que o coração do faraó se endureceria ao ponto de falecer seu próprio filho e mais, que viria, com rancor e desejo de vingança, atrás do povo peregrino saindo da escravidão rumo à terra prometida.

Por fim, o último elemento a destacar na constituição da função missionária é a dupla possibilidade de percepção do que caracteriza e qualifica a ação executada pelo eleito preparado. Nas histórias mais antigas, fundantes da própria identidade religiosa judaico-cristão, como as de Moises e Abrão, o elemento fantástico dos feitos elevaram a realização da missão por eles empreendida a um patamar de fundante da própria religião. São conhecidos como os principais exemplos de fé e seguimento a Deus. Além deles outros e outras muitas existem nas narrativas bíblicas.

No entanto um fenômeno nas narrativas bíblicas alteram a caracterização da função missionária de ação fantástica, extraordinária e fundante para uma ação cotidiana vinculada a virtudes pessoais ou a demonstrações de força social e resistência à inculturação. Este aspecto cotidiano da ação missionária pode estar associado ao momento justamente anterior ao nascimento do cristianismo em que o predomínio dos aspectos helênicos da cultura greco-romana começa a se impor como totalizadora de todas as culturas naquela região conhecida.

Como sabemos, é da tradição mítica do helenismo a noção de um olimpo habitado por deuses que ordenam e governam as vontades humanas com características tão humanas como a dos próprios. Estes deuses habitam e coabitam na terra, germinando vidas e parindo semideuses. Na tradição helênica, aqueles que são capazes de fazer grandes coisas, fantásticas, são seres especiais, filhos de deuses e deusas, portanto invencíveis para os humanos normais. Em estatura, força e caráter, mais próximos de deuses do que dos humanos.

### **Desafios missionários para uma pertença cristã Queer**

Neste contexto, a possibilidade de afirmar que uma ação fantástica pode ser realizada por mortais comuns, mas eleitas e destinadas, parece ser uma voz de dissonância e discordância a este discurso religioso hegemônico que inclusive fundamentava a dominação política centrada na figura de imperadores e líderes militares semideuses.

Assim, no contraponto da missão fantástica está a missão de ser simplesmente um ser cotidiano que tem autonomia pessoal para decidir e fazer grandes coisas. Daniel não conduziu o povo numa jornada longínqua, mas enfrentou o leão numa prisão e desta experiência consegue sair vivo. Os Macabeus não vencem o império grego com sua resistência, mas sinalizam com suas próprias vidas as possibilidades de seguimento autêntico de uma religião não submetida às religiões hegemônicas.

O cristianismo presente nas narrativas do novo testamento é centrado na ideia de fundamentar a vida eclesial. Daí derivamos quais aspectos constituíam o trabalho missionário como originário de vários modelos que depois se consolidariam ao longo do crescimento do cristianismo. Alguns consensos interpretativos já são reconhecidos em qualquer tradição eclesial cristã subsistente nos dias atuais:

- A expressão mais recorrente para a ação cristã no início era diaconia, ou seja serviço, que não se distinguia originalmente entre palavra anunciada, servir aos pobres e necessitados ou servir à mesa.
- Houve uma diversidade de gênero no seguimento a Jesus, na constituição das comunidades cristãs e no entorno de sua prática missionária.
- O cristianismo originário no primeiro século tinha nuances e rupturas entre as comunidades, fortemente caracterizadas pelo aspecto de maior ou menor influência helenizante ou de maior ou menor influência judaizante, sendo este o principal motivo de consolidação dos primeiros dogmas, ou afirmações

pretensamente absolutas sobre o que seria verdadeiro ou falso na prática, prédica e organização eclesial dos primeiros cristãos.

- As disputas teológico-eclesiais não impediram o crescimento e expansão de todas as tipologias de comunidades cristãs no entorno do mar mediterrâneo, rapidamente expandindo-se por regiões mais internas na África, Ásia e Europa. Inicialmente em territórios romanos e posteriormente em territórios indiscriminados. Não necessariamente estas primeiras comunidades no futuro seriam tratadas como cristãs ou sequer reconhecidas como de matriz no Jesus histórico.

Estes consensos interpretativos sobre missão cristã é uma proposta para resignificar o lugar das pessoas cristãs como membros de suas comunidades, afirmando as possibilidades de integração na comunhão do conhecer a fé em Jesus desde a pertença eclesial e não à exclusão dogmática.